

## O design estratégico feminista como articulador de uma cidade por e para mulheres

### *Feminist Strategic design as an articulator of a city by and for women*

**Giulia Locatelli, mestra em design**

giulialocatelliesilva@gmail.com

**Karine De Mello Freire, doutora em design**

kmfreire@gmail.com

#### **Resumo**

Este estudo constitui um recorte de uma pesquisa de mestrado concluída no ano de 2023. Ele apresenta uma reflexão teórico-crítica, por meio de uma revisão bibliográfica, a respeito da perspectiva predominantemente patriarcal presente no planejamento e nas dinâmicas sociais das cidades. A partir dessa constatação, tem como objetivo sustentar a hipótese de que o design estratégico pode vir a atuar como um articulador de uma cidade desenvolvida por e para mulheres, desde que adotada uma mudança de paradigma nessas áreas através do feminismo. Assim, propõe caminhos para promover uma abordagem mais inclusiva e sensível ao gênero no design e planejamento urbano.

**Palavras-chave:** Cidades; feminismo; Design Estratégico.

#### **Abstract**

*This study constitutes a segment of a master's research completed in 2023. It presents a theoretical-critical reflection, through a literature review, regarding the predominantly patriarchal perspective present in the planning and social dynamics of cities. From this observation, its aim is to support the hypothesis that strategic design could act as a facilitator of a city developed by and for women, provided a paradigm shift in these areas through feminism is adopted. Thus, pathways are proposed to promote a more inclusive and gender-sensitive approach in urban design and planning.*

**Keywords:** Cities; feminism; Strategic Design.

## 1. Introdução

A estrutura social que permeia a organização da sociedade está configurada de modo que sempre os sujeitos homens são privilegiados, característica daquilo que se sustenta no regime patriarcal. O patriarcado “representa a estrutura que organiza a sociedade, favorecendo uns e obrigando outros a se submeterem ao grande favorecido que ele é, sob pena de violência e morte” (p. 59) [1]. Esse sistema tem sua principal ocupação em fazer o exercício de poder sobre todos os corpos, em especial os das mulheres.

As cidades, compreendidas como o espaço onde a vida em sociedade se desenvolve e se estrutura, foram construídas dentro desse paradigma, no qual homens ocupavam o espaço público e mulheres se restringiam ao espaço doméstico. Elas revelam e materializam essas impressões em sua configuração física e nas dinâmicas sociais [2] [3], evidenciado e acentuando, de forma concreta, as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres.

Diante dessa realidade, este estudo propõe uma reflexão teórica acerca da necessidade de se repensar o planejamento urbano, levando em consideração as experiências e perspectivas das mulheres. Conceber e visualizar um futuro alternativo à realidade presente representa um desafio de grande complexidade no contexto social. Abordar essa questão requer uma estratégia compartilhada capaz de provocar mudanças efetivas. Propõe-se um design estratégico feminista como uma abordagem capaz de promover uma transformação significativa nesse contexto, por meio do diálogo, participação coletiva e abertura para lidar com as questões do mundo contemporâneo. Portanto, o presente trabalho tem como objetivo central apresentar, através de uma reflexão teórico-crítica, a hipótese de que o design estratégico pode vir a atuar como um articulador de uma cidade desenvolvida por e para mulheres.

Importante reconhecer que a perspectiva adotada leva em consideração o fato de que não é possível homogeneizar as experiências das mulheres nas cidades como uma única, nem mesmo a opressão exercida pelo patriarcado, que afeta também outros indivíduos (como a comunidade lgbtqiap+, as pessoas pretas, os povos originários, as crianças, os idosos e tantos outros). Contudo, reconhece-se também que a opressão sexista, conforme observado por bell hooks [4], é a base primordial de todas as outras formas de opressão e dominação enfrentadas. Portanto, optando por abordar especificamente a experiência das mulheres, entende-se que, sob essa perspectiva, é possível abarcar, mesmo que implicitamente, as outras mencionadas. Cabe enfatizar também que este trabalho, sensível e voltado às relações de poder, gênero e território, visa contribuir com dois Objetivos de Desenvolvimento da ONU. O ODS 5, relacionado à igualdade entre gêneros e o empoderamento das mulheres, e o 11, que busca tornar as cidades e comunidades mais inclusivas, resilientes, seguras e sustentáveis – especialmente à meta 11.7, que objetiva, até 2030, proporcionar o acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes, particularmente para as mulheres e crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência [5].

## 2. Cidades: uma construção do patriarcado

O patriarcado e suas ramificações, bem como toda a ação da sociedade, ocorrem, em sua maioria, no contexto e cenário das cidades. Por cidade, entende-se o espaço geográfico onde ocorrem as atividades sociais, econômicas e culturais, o locus onde essas relações se desenrolam. Embora definir cidade seja um desafio complexo e sujeito a múltiplas interpretações, adota-se aqui a perspectiva de Raquel Rolnik [2], que as enxerga como uma construção coletiva em um espaço delimitado, resultante do imaginário e trabalho colaborativo da sociedade, caracterizado pela vida social organizada, gestão coletiva e atividade política.

No contexto brasileiro, o desenvolvimento e a construção das cidades foi marcado pela desigualdade e exclusão territorial, intensificadas pela globalização [6]. O processo de urbanização, influenciado pela industrialização, viu um crescimento acelerado das cidades com pouco planejamento, resultando em desigualdades econômicas, sociais e de gênero que têm suas consequências visíveis e presentes até os dias atuais [7]. Mulheres, historicamente ligadas ao trabalho rural e doméstico, foram marginalizadas na tomada de decisões urbanas, com os espaços públicos sendo dominados pelos homens, efeito de uma organização social essencialmente patriarcal [7]. Embora seja perceptível que alguns avanços no planejamento urbano tenham ocorrido desde então, as cidades continuam a refletir e perpetuar o patriarcado, enfrentando desafios semelhantes àqueles quando sem planejamento algum.

Arquitetas, urbanistas e geógrafas feministas, como Raquel Rolnik e Jane Darke, concordam que as cidades refletem as vivências estabelecidas dentro delas, tanto em sua estrutura física quanto em suas dinâmicas sociais. Considerando que as cidades são predominantemente construídas e lideradas por homens, elas tendem a refletir apenas as experiências e atender às necessidades desse grupo, excluindo qualquer forma de existência que não se encaixe nos padrões estabelecidos pelo patriarcado. Ou seja, elas são moldadas para privilegiar homens brancos, cisgênero, heterossexuais e com alto poder aquisitivo, representantes da mais alta classe do patriarcado, perpetuando a opressão e a exclusão de outros grupos. Quanto a isso, é essencial destacar que, ao excluir ou restringir indivíduos de desfrutarem plenamente dos espaços públicos em que residem, lhes é negada a oportunidade de usufruir da liberdade que a cidade deveria proporcionar. Nesse sentido, Manuela D'Ávila [8] salienta a importância de debater a cidade como um espaço onde a opressão de gênero, e outras formas de opressão, são prevalentes, para que se possa vislumbrar um futuro onde as mulheres possam viver com dignidade, tendo as "janelas abertas para a cidade" (p. 14) [8].

Havendo o entendimento de que as experiências vividas por homens e mulheres no contexto das cidades são distintas, e que as mulheres ainda enfrentam e sofrem com uma série de barreiras (físicas, sociais, econômicas e simbólicas) que as impedem de vivenciar o espaço urbano plenamente, é fundamental destacar alguns dos numerosos exemplos de exclusão delas no planejamento das cidades. Isso inclui os locais públicos, como praças e parques, que não levam em conta sua segurança, além de ruas mal iluminadas e os transportes públicos lotados, propiciando o assédio sexual e refletindo o domínio masculino sobre seus corpos. Essas condições se somam à falta de segurança e à inadequação dos trajetos e construções, dificultando as múltiplas jornadas de trabalho das mães, estudantes e trabalhadoras brasileiras, cujo deslocamento difere substancialmente do dos homens, evidenciando as responsabilidades que lhes são atribuídas [9]. Os exemplos mencionados revelam como as perspectivas dos projetistas, majoritariamente homens, moldam a infraestrutura urbana, perpetuando uma visão que prioriza os interesses masculinos e restringe o acesso das mulheres a espaços diversos [10].

Diante do panorama apresentado, se faz essencial repensar os mecanismos sociais existentes para dismantlar as estruturas machistas e patriarcais que regem a sociedade e as cidades. Identificada essa necessidade, torna-se crucial explorar meios, estratégias, metodologias e ferramentas que promovam uma revisão dos fundamentos empregados no planejamento, desenvolvimento e construção urbana. Além do patriarcado, outras formas de opressão, como o racismo e o classismo, também moldam essa estrutura social, exigindo uma abordagem multifacetada para a transformação. Essa revisão visa conceber novas abordagens que possibilitem uma transformação significativa da atual dinâmica. Logo, a inclusão das mulheres nos processos decisórios e a redefinição dos fundamentos do planejamento urbano emergem como passos essenciais nesse processo. Diante disso, o design estratégico feminista é apresentado como uma abordagem projetual que pode vir a ser efetiva em se tratando de

pensar o desenvolvimento urbano sob outra perspectiva, buscando criar cidades que atendam às necessidades e experiências das mulheres de forma mais inclusiva e equitativa.

### 3. Design estratégico aplicado às cidades

O design estratégico é originário da Itália, mais especificamente da comunidade científica do Politécnico di Milano, tendo como seus principais autores figuras como Mauri [11], Zurlo [12], Celaschi [13], Deserti [14], Meroni [15] e Verganti [16]. Zurlo [17] sugere que a estratégia é causa e efeito de um processo coletivo que tem como objetivo transformar a realidade, o que, segundo ele, também são aspectos recorrentes nas práticas de design, e por isso o denomina como “design estratégico”. Essa denominação de design compreende uma abordagem que visa abarcar uma expansão do ofício da área, que deixa de tratar apenas questões relacionadas às inovações técnicas e representações gráficas, passando a atuar também como uma “atividade de projeto” (p. 13) [17], orientando processos de desenvolvimento de estratégias em organizações e comunidades [17].

Meroni [15] destaca que o design estratégico possui a capacidade de fornecer aos órgãos sociais e de mercado um conjunto de valores e ferramentas para enfrentar o ambiente externo, permitindo-lhes evoluir, manter e desenvolver sua própria identidade, e assim, influenciar e modificar o ambiente ao seu redor. Nessa perspectiva, o fazer do design estratégico não se limita apenas à solução final ou a “solução de um problema”. Nesse caso, o principal papel do designer consiste na definição desses problemas e, posteriormente, na compreensão sobre como solucioná-los, contemplando o pensar e refletir sobre uma série de ações integradas, metodologias empregadas e sistemas que envolvem questões a serem trabalhadas.

No escopo desta pesquisa, considerando as cidades como um campo de atuação repleto de uma vasta gama de atores que interagem e se influenciam mutuamente, é pertinente empregar o design estratégico para explorar novas abordagens e compreender melhor as dinâmicas construtivas, as relações sociais e as estruturas hierárquicas que emergem nas cidades. Sob essa perspectiva, o design estratégico é reconhecido como um agente potencialmente significativo para promover transformações, por conta das suas capacidades (dialógicas e de abertura ao acaso), especialmente ao reconhecer a importância de incorporar e dar voz a diferentes atores, como as mulheres, excluídas dos processos projetuais dominados por homens. De acordo com Krucken [18], o design estratégico oferece uma estrutura processual que integra contribuições de várias disciplinas, permitindo intervenções em diferentes dimensões territoriais, em especial as que visam a promoção de relações sociais mais justas e sustentáveis.

Bentz e Franzato [19] destacam uma outra característica do design estratégico em suas práticas de projeto pertinente nesse contexto, chamada de metaprojeto. Eles explicam que este envolve uma revisão crítica das práticas e processos criativos, operando em diferentes níveis de conhecimento para gerar reflexões que transformem o projeto. Em suma, o metaprojeto implica em uma reflexão crítica sobre o próprio projeto e seus processos, visando sua melhoria. Com base nessa compreensão, cabe realizar uma importante observação acerca dessa disciplina, sua aplicabilidade e ação no planejamento de uma cidade que coloca no centro de seus projetos, as mulheres.

Ainda que o design estratégico possua a capacidade de fomento ao diálogo como uma das suas principais características, os indivíduos que representam a figura do designer nesse contexto são ainda bastante similares e reproduzem, muitas vezes, aquilo que se observou até então em uma sociedade e cidades regidas pelo sistema patriarcal. As vozes das principais referências na área são nitidamente homogêneas, demarcadas pelos seguintes privilégios sociais: homens brancos, cisgênero, em sua maioria heterossexuais, advindos do norte global, com alto poder aquisitivo. Essas características não invalidam ou diminuem suas contribuições,

contudo, suas propostas, mesmo as mais inclusivas, podem enfrentar dificuldades em garantir representatividade de gênero nos projetos. Dado que este estudo aborda a importância de incorporar a perspectiva das mulheres no desenvolvimento das cidades, é crucial também investigar e abordar essas questões dentro do contexto do design estratégico. Isso é necessário para evitar a reprodução, no planejamento urbano, das mesmas desigualdades observadas e criticadas no contexto social e territorial atual.

#### 4. Perspectivas outras: para as cidades e para o design estratégico

É no processo de entendimento das estruturas da sociedade e do desenvolvimento das cidades enquanto uma construção machista que segue presa às amarras patriarcais, que surge a compreensão do feminismo como um possível agente de transformação desse sistema social em que se vive, do seu palco de atuação (as cidades) e do próprio design estratégico. O feminismo é abordado, nesse contexto, como um campo de conhecimento cujo objetivo é construir perspectivas outras de futuro e de sociedade, desafiando as estruturas dominantes e rompendo com os modelos projetuais vigentes. Dessa forma, ele é interpretado enquanto uma epistemologia, um modo de produção de conhecimento que exalta nas suas produções as perspectivas de grupos oprimidos e excluídos, como as mulheres [20]. De acordo com bell hooks [4] “o feminismo luta para acabar com a opressão sexista” (p. 56) e assim é capaz de “chamar a atenção para as diversas realidades sociais e políticas da mulher” (p. 58), tendo como foco a experiência de todas as mulheres, mas em especial aquelas cujas condições estão menos presentes em estudos e nas práticas dos movimentos políticos.

No âmbito das cidades, a discussão sobre o feminismo e sua relação remonta a séculos atrás. No século XV, a escritora francesa Christine de Pisan (1364-1430) já abordava esse tema, sendo reconhecida como uma das pioneiras do movimento feminista. Defendendo os direitos das mulheres, ela lutou pela igualdade de educação entre homens e mulheres perante a lei [21]. Em seu livro "A cidade das mulheres", ela expressou sua indignação com a disparidade na educação entre meninas e meninos, imaginando uma cidade onde as mulheres poderiam viver sem medo de ataques ou difamações vindas dos homens [21].

Nos dias de hoje, os movimentos que acontecem nesse sentido estão ligados a mudanças no planejamento urbano das cidades. Há uma infinidade de ações e transformações possíveis e necessárias, muitas das quais visam, principalmente, proporcionar maior segurança para as mulheres. Isso inclui iniciativas como a criação de espaços públicos mais seguros e bem iluminados, o desenvolvimento de transporte público acessível, o planejamento de uma mobilidade urbana que considere as necessidades das mulheres, a manutenção de calçadas amplas e limpas, entre outras medidas [10]. Muitas dessas propostas já foram implementadas em diversos lugares, resultando em melhorias significativas na vida cotidiana das mulheres. No entanto, compreende-se que essa questão vai além do âmbito prático do planejamento urbano, envolvendo também estruturas sociais e culturais que não podem ser modificadas apenas por intervenções físicas. Nesse sentido, Berner e Melino (p. 1873) [22] ressaltam que

(...) falar sobre mulheres e a teoria e prática do planejamento é mais do que apenas falar de como as mulheres não [estão] contempladas nessas estratégias, trata-se de questionar que forma de conhecimento é tida como válida, ou seja, a partir de quais paradigmas o planejamento urbano vem sendo pensado, teorizado e praticado. As epistemologias feministas vêm sendo construídas para demonstrar que esse conhecimento não tem nada de geral, universal e abstrato. O que se propõe é uma mudança total de perspectiva.

No livro "Cidade Feminista" [10], Leslie Kern não apenas aborda as ações de planejamento urbano, mas também ressalta que uma cidade melhor para as mulheres não

depende exclusivamente de projetos urbanos para se concretizar. Ela argumenta que é necessário explorar novas possibilidades diante do contexto atual, buscando continuamente formas de viver de maneira diferente. Kern [10] destaca que, como as experiências das mulheres são moldadas por uma sociedade patriarcal, simplesmente suavizar essas experiências por meio do design para o território não desafia efetivamente o patriarcado em si.

A partir dessa constatação, retoma-se o entendimento acerca da necessidade de se adotar novas condutas e perspectivas no campo do próprio design estratégico. A incorporação do feminismo como uma base para o desenvolvimento do conhecimento em design estratégico, assim como no desenvolvimento das cidades, tem como objetivo discutir a falta de diversidade e representação das mulheres nesse contexto, buscando formas de projetar que questionem e desafiem os estereótipos prevalentes, frequentemente reproduzidos pelo campo. Além disso, visa promover a criação de projetos centrados na construção de relações sociais mais justas.

Em se tratando da atuação do design estratégico nas cidades sob esse viés, Manzini [23] reforça a ideia de que as dinâmicas de uma cidade são construídas a partir das histórias pessoais e coletivas de seus habitantes e que é crucial dar voz e visibilidade às perspectivas negligenciadas. Isso requer a utilização de ferramentas e metodologias específicas para promover projetos participativos e inovadores nas cidades. A adoção do design estratégico para tal realização envolve uma ação projetual voltada para o desenvolvimento de novos modos de abordagem das cidades. Isso significa utilizar novas perspectivas e paradigmas, como o feminismo, como uma lente de análise. Isso requer uma mudança cultural que busca amplificar as vozes das mulheres dentro desses contextos. De acordo com Meroni [15], o design estratégico tem o potencial de contribuir nesse sentido, promovendo diálogos e construindo visões de futuros possíveis, além de desenvolver estratégias para torná-los realidade. Isso implica em adotar uma abordagem projetual fundamentada no feminismo e em uma visão de futuro decorrente disso.

Nesse sentido, e fundado no que se interpretou e compreendeu acerca do feminismo e suas características, se entende que as práticas de design estratégico articuladas sob uma epistemologia feminista devem englobar ações que tenham como base os seguintes princípios: colocar em primeiro plano as vozes dos grupos marginalizados pelo patriarcado; estimular, dentro dos projetos, a escuta, o diálogo, e a participação ativa dessas pessoas; evitar a estereotipação e as suposições; questionar as estruturas dominantes e enfatizar as interseccionalidades e as perspectivas dessas pessoas. Logo, toda e qualquer ação projetual do design estratégico desenvolvida a partir desse ideal epistêmico deve visar romper, estrategicamente, com o status patriarcal dominante em seus projetos, lidar e buscar desconstruir as opressões vividas pelas mulheres, trabalhar pela diversidade de corpos, fontes e ferramentas, gerar dissensos e operar suas propostas com o objetivo de desenvolver novas possibilidades de organização social. O quadro abaixo resume, sinteticamente, essas ações (figura 1).

**Figura 1:** Princípios de design estratégico sob uma epistemologia feminista.

**Princípios de design estratégico sob uma epistemologia feminista**

- Colocar em primeiro plano as vozes dos grupos marginalizados pelo patriarcado;

---

- Estimular, dentro dos projetos, a escuta, o diálogo, e a participação ativa dessas pessoas;

---

- Evitar a estereotipação e as suposições;

---

- Questionar as estruturas dominantes;

---

- Visar romper, estrategicamente, com o status patriarcal dominante em seus projetos;

---

- Buscar desconstruir as opressões vividas pelas mulheres;

---

- Trabalhar pela diversidade de corpos, fontes e ferramentas;

---

- Gerar dissensos e operar suas propostas com o objetivo de desenvolver novas possibilidades de organização social.

Fonte: elaborado pelas autoras.

**5. Considerações Finais**

A análise das possíveis contribuições do design estratégico para o desenvolvimento de cidades centradas na experiência das mulheres realizada no presente estudo revelou lacunas significativas na relação entre esses dois campos. Embora reconheça-se o potencial do design estratégico para o desenvolvimento e transformação do ambiente urbano como um todo, é possível dizer que há uma carência de referências teóricas, críticas e práticas específicas que versem sobre as perspectivas adotadas nos processos de projeção. Isso compreendido, recorreu-se ao feminismo como meio de sensibilização e paradigma de ação para ambas as áreas, especialmente quando trabalhadas em união, tanto na operacionalização do design quanto na concepção de projetos para as cidades. A articulação da epistemologia feminista no design estratégico e nas cidades propõe uma abordagem mais inclusiva e sensível às diversas experiências e necessidades das mulheres e de outros grupos marginalizados. Isso implica em repensar as perspectivas e referências adotadas no processo projetual, descentralizando visões tradicionalmente dominantes e adotando atitudes que reflitam uma abordagem feminista e crítica em seus processos de desenvolvimento projetual.

No que diz respeito à prática do discurso feminista nesse contexto e o avanço das constatações feitas até o momento, é fundamental que haja o aprofundamento de pesquisas que reflitam sobre essas questões, tendo como objetivo imaginar e apresentar formas pelas quais o discurso feminista seja colocado em prática, a partir do design estratégico, no desenvolvimento de cidades por e para mulheres. Portanto, o que aqui se apresenta não deve ser considerado finalizado, mas em desenvolvimento. Acredita-se que esse é o início de uma construção teórica que necessita ainda de estudo, reflexão, aprofundamento metodológico e experiências práticas. Nesse caso, o que se oferece é uma reflexão que objetiva trazer à tona questões que tem como finalidade a busca por realidades, cidades e práticas de design mais justas, sustentáveis e inclusivas. Cabe reforçar que o presente trabalho se constitui enquanto um recorte de uma pesquisa realizada para a conclusão de mestrado (no ano de 2023). Portanto, pesquisas que trazem uma perspectiva mais aprofundada acerca dessa temática já vem sendo desenvolvidas e discutidas.

## Agradecimentos

Karine de Mello Freire conta com o apoio da bolsa Pós Doutorado Sênior da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ, processo SEI-260003/016639/2023).

## Referências

- [1] TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. 12 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- [2] ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 1 ed. São Paulo Brasiliense, 1988.
- [3] DARKE, Jane. *The man-shaped city*. In: BOOTH, C.; DARKE, J.; YEANDLE, S. **Changing places: woman's lives in the city**. 1 ed. London: P. Chapman, 1996, pp. 88.
- [4] HOOKS, bell. **Teoria feminista**. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- [5] ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Objetivos de desenvolvimento sustentável**. Brasília: ONU, 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>.
- [6] MARICATO, Erminia. **Brasil, cidades**. 7 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- [7] LABORATÓRIO DA CIDADE. **As vivências de gênero na cidade pela ótica da arte urbana**. Belém: LdC, 2018. Disponível em: <https://laboratoriodacidade.org/2022/04/27/as-vivencias-de-genero-na-cidade-pela-otica-da-arte-urbana/>.
- [8] D'ÁVILA, Manuela. E se a cidade fosse nossa? In: FELIX, Mariana.; SITO, Laura. **E se as cidades fossem pensadas por mulheres**. 1 ed. Porto Alegre: Editora Zouk, 2021, pp. 13-15.
- [9] FELIX, Mariana.; SITO, Laura. **E se as cidades fossem pensadas por mulheres**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.
- [10] KERN, Leslie. **Cidade Feminista**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.
- [11] MAURI, Francesco. **Progettare progettando strategia**. Milano: Masson S.p.A, 1996.
- [12] ZURLO, Francesco. **Un modello di lettura per il Design Strategico. La relazione tra design e strategia nell'impresa contemporanea**. Dottorato di Ricerca in Disegno Industriale – XI ciclo. Politecnico di Milano, Milano, 1999. 247 p.
- [13] CELASCHI, Flaviano. Dentro al progetto: appunti di merceologia contemporanea. In: F. CELASCHI, Flaviano; DESERTI, Alessandro. **Design e innovazione: strumenti e pratiche per la ricerca applicata**. Roma: Carocci Editore, 2007. p. 15-56.

- [14] DESERTI, Alessandro. Intorno al progetto: concretizzare l'innovazione. *In: CELASCHI, Flaviano; DESERTI, Alessandro. **Design e innovazione**: strumenti e pratiche per la ricerca applicata.* Roma: Carocci Editore, 2007. p. 57-121.
- [15] MERONI, Ana. **Strategic design**: Where are we now? Reflection round the foundations of a recent discipline. *Strategic Design Research Journal*, vol. 1, número 1. Unisinos, 2008.
- [16] VERGANTI, Roberto. **Design Driven Innovation**: Changing the Rules of Competition by Radically Innovating What Things Mean. 1 ed. Brighton: Harvard Business Scholl Press, 2009.
- [17] ZURLO, Francesco. Design Strategico. *In: XXI Secolo*, vol. IV, Gli spazi e le arti. Roma: Enciclopedia Treccani. 2010.
- [18] KRUCKEN, Lia. **Design e território**: valorização de identidades e produtos locais. São Paulo: Studio Nobel, 2009.
- [19] BENTZ, Ione; FRANZATO, Carlo. O metaprojeto nos níveis de design. *In: 12o Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*. 04 a 07 de outubro. 2016. Anais do 12o Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. São Paulo: Blucher Design Proceedings, 2016. pp. 1416-1428.
- [20] WILLIANS, Priscila. **Epistemologia e Feminismo**. *Revista Três Pontos*, vol. 13, n. 1. 2016. pp. 5-11.
- [21] MOREIRA ALVES, Branca; PITANGUY, Jacqueline. **Feminismo no Brasil**: memórias de quem faz acontecer. 1 ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- [22] BERNER, Vanessa de Oliveira Batista; MELINO, Heloisa. **Perspectivas feministas e movimentos sociais**: uma abordagem fundamental para o planejamento urbano. *Revista Direito da Cidade*, vol. 08, n. 4. 2016. pp. 1868-1892.
- [23] MANZINI, Ezio. **Design**: Quando todos fazem design. Uma introdução ao design para inovação social. 1 ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017